

**CULTURAS ALIMENTARES DIGITAIS: MOVIMENTOS SOCIAIS E ATIVISMO
ALIMENTAR NO AMBIENTE ON-LINE**

***CULTURAS ALIMENTARIAS DIGITALES: MOVIMIENTOS SOCIALES Y
ACTIVISMO ALIMENTARIO EN EL ENTORNO EN LÍNEA***

***DIGITAL FOOD CULTURES: SOCIAL MOVEMENTS AND FOOD ACTIVISM IN THE
ONLINE ENVIRONMENT***



Daniel Coelho de OLIVEIRA¹
e-mail: daniel.oliveira@unimontes.br



Arthur Saldanha dos SANTOS²
e-mail: arthursaldanha.ufrgs@gmail.com

Como referenciar este artigo:

OLIVEIRA, D. C. de; SANTOS, A. S. dos. Culturas Alimentares Digitais: Movimentos Sociais e Ativismo Alimentar no Ambiente On-line. **Rev. Cadernos de Campo**, Araraquara, v. 23, n. esp. 1, e023006. e-ISSN: 2359-2419. DOI: <https://doi.org/10.47284/cdc.v23iesp.1.18351>



| **Submetido em:** 10/01/2023
| **Revisões requeridas em:** 22/03/2023
| **Aprovado em:** 18/05/2023
| **Publicado em:** 23/08/2023

Editores: Profa. Dra. Maria Teresa Miceli Kerbauy
Profa. Me. Aline Cristina Ferreira
Prof. Me. Mateus Tobias Vieira
Prof. Me. Matheus Garcia de Moura

¹ Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Montes Claros – MG – Brasil. Doutor em Ciências Sociais. Professor do Departamento de Ciências Sociais da UNIMONTES.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – RS – Brasil. Atualmente realiza pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS. Doutorado em Sociologia (UFRGS).

A alimentação é uma prática social que envolve não apenas a satisfação das necessidades fisiológicas, mas, também, aspectos culturais, simbólicos e históricos. Na perspectiva sociológica, o fenômeno reflete desigualdades sociais, jogos de distinções, hierarquias, escolhas e convivências. Ela também pode ser vista como uma forma de identificação e de diferenciação social, por meio de tradições, de rituais e de tabus alimentares que definem a identidade e a pertença social dos indivíduos. De forma geral, as práticas alimentares são expressões culturais que refletem particularidades históricas, características geográficas e relações sociais de um determinado grupo social.

No contexto contemporâneo, a interseção entre as práticas alimentares e o mundo digital tem gerado novas dinâmicas, especialmente na convergência que engloba artefatos e agenciamentos, resultando em um ativismo que se manifesta de maneira distinta tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, com o propósito de fomentar o engajamento. Essas dinâmicas permeiam a forma de produção, comercialização, consumo e divulgação dos alimentos ingeridos. No entanto, mais significativamente, elas conduzem à politização das rotinas e atividades do cotidiano ligadas à alimentação. Dentro desses contextos, tanto agentes humanos quanto não-humanos operam em um domínio temporal atemporal, em espaços desprovidos de fronteiras, limitações ou distinções, desempenhando papéis em experiências previamente inimagináveis no que tange à interação entre as práticas alimentares cotidianas e as tecnologias globais.

O processo revolucionário provocado pelo advento das tecnologias das informações e subsequente ascensão das plataformas de mídias digitais, possibilitaram o surgimento de uma nova dinâmica no sistema agroalimentar presente na confluência entre as rotinas alimentares e a internet. Este domínio se destaca pela abrangente gama de atividades, abarcando, dentre outras ações: a digitalização dos procedimentos de produção, logística e comercialização no setor alimentício; bem como a utilização substancial de plataformas de mídia social para a divulgação, expressão de protestos e implementação de boicotes a produtos e serviços. Com o surgimento das plataformas digitais e da internet, as interações relacionadas aos alimentos passaram por transformações de importância substancial.

Na atualidade, a cultura gastronômica, por exemplo, não se refere apenas ao sabor e à apresentação dos alimentos, mas também à maneira pela qual os consumimos e interagimos com as outras pessoas de modo on-line. Desde blogs de culinária, mídias sociais, receitas on-line e serviços de entrega de alimentos, o mundo digital transformou a maneira de vivenciar a cultura alimentar. A revolução digital também causou mudanças significativas na maneira pela

qual comemos e experimentamos os distintos sabores. O advento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) tem permitido que as pessoas compartilhem diariamente suas receitas e criem comunidades on-line com interessados em gostos semelhantes.

O debate em torno da alimentação permanece intensamente discutido e continua a apresentar abordagens inovadoras na contemporaneidade. Este fenômeno deve-se, em grande parte, à sua natureza interdisciplinar, que é fomentada pelas diversas áreas entrelaçadas (CONTRERAS; GRACIA, 2011; AZEVEDO, 2017). Apesar da alimentação ser objeto de considerável investigação atualmente, é observado um progresso gradual e limitado na adoção e aprofundamento dos recursos teórico-conceituais por parte dos analistas e indivíduos interessados nesse campo (PORTILHO, 2020). Esse apontamento sugere tanto a importância quanto a urgência na condução crítica às investigações sobre culturas alimentares digitais.

Dentro da diversidade de temas e de abordagens dos estudos da alimentação, a cultura alimentar digital é um conceito novo que abarca representações e práticas relacionadas aos alimentos nas plataformas de mídias digitais. Esse termo tem sua origem nos estudos da cultura alimentar, sociomaterialismo e sociologia digital, incorporando, ao longo da sua estruturação conceitual, discussões sobre movimentos sociais e questões socioambientais. No entanto, os âmbitos de interesse dessa abordagem não se circunscrevem unicamente a esse ponto. Tais levantamentos abrangem apenas os elementos fundamentais desse conceito, considerando a natureza polissêmica tanto do ambiente online quanto da cultura alimentar. Dessa forma, o termo “cultura alimentar digital” emerge como resultado da convergência entre os campos de estudo das ciências culturais, comunicação, bem como das esferas sociais, econômicas e políticas que permeiam a sociedade digital.

Com o propósito de examinar as dinâmicas que regem a produção, preparação e consumo de alimentos com mediação tecnológica, bem como de estabelecer as primeiras delimitações da noção de “Cultura Alimentar Digital”, Lupton (2020) baseou-se na literatura concernente às dimensões socioculturais das tecnologias digitais. Os primeiros enfoques sobre a temática alimentar em ambientes digitais concentram-se na análise de conteúdos discursivos e visuais presentes em blogs dedicados à alimentação, explorando as questões éticas e estéticas subjacentes aos comportamentos alimentares (LAVIS, 2015; LEWIS, 2018; LUPTON, 2018; 2020). Investigações posteriores direcionaram-se à avaliação dos imaginários sociotécnicos e de tendências alimentares emergentes, como a impressão tridimensional de alimentos (DONNAR, 2017; LUPTON, 2017). Esses estudos aprofundaram a compreensão dos impactos

das tecnologias digitais nas rotinas e escolhas alimentares dos indivíduos, conferindo especial atenção às formas pelas quais esses sujeitos têm reagido a essas inovações.

Sob essa perspectiva, Lupton (2020) delinea as culturas alimentares digitais como uma abordagem de vanguarda que congrega as variadas representações de identidades de grupos sociais, manifestações culturais, estilos de vida, rotinas, práticas, costumes, saberes e tradições relacionados à alimentação, bem como sua inserção no contexto de mediação proporcionado pelas tecnologias digitais no cotidiano das pessoas. Essas dimensões são impulsionadas pelos interesses individuais ou coletivos dos inúmeros utilizadores conectados e adotam distintas configurações de interação digital, abrangendo séries e filmes, blogs, sítios web, anúncios ou reportagens, fóruns de discussão, aplicações, jogos e uma vastidão de outras possibilidades para entrelaçar alimentação e o ambiente digital.

A abordagem de Feldmann e Lupton (2020) é pioneira e revolucionária no campo sociológico, mas carece de uma explicação mais aprofundada acerca do conceito de culturas alimentares digitais. Grande parte dessa lacuna conceitual se justifica possivelmente pela sua focalização em análises de casos restritos a algumas regiões do mundo, notadamente a Oceania, Europa Ocidental e Estados Unidos, com escasso ou nulo exame de experiências na Ásia, África ou América Latina. A interseção entre as culturas alimentares digitais, a diversidade de gênero e a questão étnico-racial também é negligenciada.

Diante deste cenário de limitações conceituais, propomos uma definição de culturas alimentares digitais com uma abordagem ligeiramente mais ampla. Nesse sentido, compreendemos as culturas alimentares digitais como um conjunto de ações, escolhas, comportamentos e rotinas que envolvem a alimentação, e que de diferentes formas se relacionam com a utilização de ferramentas de tecnologia da informação e comunicação, atravessando tanto a realidade online como offline, ou seja, onde a vivência cotidiana relacionada à alimentação é influenciada e influenciada pela mediação de artefatos tecnológicos. Por outras palavras, as culturas alimentares digitais são projeções digitais do cotidiano alimentar que se manifestam em ambientes digitais, proporcionando a convergência de variados modos de viver, abordar e interpretar as vivências e experiências alimentares. A utilização do termo no plural expressa a maneira pela qual diversos indivíduos interagem com artefatos tecnológicos, tais como smartphones e computadores, bem como os variados usos das plataformas de mídia digital e aplicações relacionadas com a dinâmica alimentar em toda a sua multiplicidade. O termo também denota a diversidade de práticas, rotinas, comportamentos,

distinções, agentes e ativismos ancorados em uma pluralidade de características étnicas, raciais, de classe e de gênero.

Torna-se imprescindível discorrer, ademais, acerca das atuais ramificações resultantes da evolução dessas dinâmicas alimentares, com destaque para as complexas interações cotidianas moldadas pelas plataformas digitais. O cenário evidencia uma progressiva dissolução das fronteiras distintas entre o domínio analógico e o digital. Dispositivos móveis, como telefones celulares, e outros mecanismos de comunicação, agora estão intrinsecamente integrados à experiência culinária, ao mesmo tempo que exercem um papel determinante nas escolhas gastronômicas, servindo como vínculo com o mundo através da alimentação e como canais de exposição pública de preferências e seleções alimentares. O crescimento das dinâmicas inerentes às culturas alimentares digitais não pode ser compreendido sem a convergência dessas duas tendências relativamente autônomas: a integração abrangente das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nas práticas alimentares e o processo de “espetacularização” da vida cotidiana, com a exposição rotineira da esfera privada, notadamente a ação de “alimentar-se”.

Os estudos sobre culturas alimentares digitais investigam um conjunto amplo de relatos, experiências, práticas, rotinas e representações de alimentos nas mídias sociais pelos usuários. Alguns temas têm recebido maior ênfase nesse escopo, englobando desde estratégias promocionais de saúde, ações voltadas para a sustentabilidade e a alimentação como pauta política, até manobras digitais altamente lucrativas empregadas por grandes conglomerados e indústrias alimentícias com a finalidade de expandir e diversificar mercados (SANTOS, 2022). O que pode ser observado é a utilização da Internet como incremento das rotinas alimentares das pessoas, em que os padrões de compras, de comercialização e de consumo são remodelados à luz dos interesses dos usuários conectados. Em síntese, as principais discussões da temática são sobre sustentabilidade, solidariedade, desigualdades, gastronomia, corpos e afetos, saúde, espiritualidade, influenciadores, política e futuro alimentar.

Para ilustrar alguns desses enfoques, corpos e afetos representam o conjunto de moralidades ligadas à alimentação. O culto ao corpo, a busca por corpos saudáveis e em forma, os padrões de beleza, o fetichismo, a repressão, a vergonha ou culpa alimentar, as dietas rigorosas, a obsessão, a automonitorização e a disciplina corporal, entre outros, são circunstâncias ou cenários que se manifestam e são mediados digitalmente pelos utilizadores na esfera da Internet. Os significados gerados nesse tipo de compartilhamento digital da alimentação são um “mix” de experiências e de condutas sociais e podem ser associados e

interpretados como forças afetivas, prazer, desejo, deleite e senso de comunidade, mas também, como sentimentos de vergonha, cobiça, repulsa, nojo, culpa, medo, indignação, vergonha (KENT, 2020; LUPTON, 2020).

Saúde e espiritualidade abarcam estilos alimentares que são baseados e motivados por questões e condutas éticas, nutrição, saúde, dimensões ambientais, escolhas religiosas e preocupações relativas aos animais não-humanos. As mídias sociais têm sido utilizadas como ambientes profícuos para o compartilhamento de interesses similares entre os usuários, para trocas de aprendizados, experiências e pensamentos sobre as rotinas alimentares. Na prática, o que os estudos sobre os eixos saúde e espiritualidade apontam é que as rotinas alimentares tendem a ser entrelaçadas com outras dimensões, como ocorre, por exemplo, com as discussões políticas em torno da sustentabilidade ou debate racial (BAKER; WALSH, 2020; SANTOS, 2022). Nesse caso, quando um usuário compartilha sua rotina alimentar saudável e justifica que, além da sua atenção à aparência corporal está sua preocupação com o meio ambiente e com o fim da opressão dos animais humanos e não humanos, suas práticas denotam um tipo de cultura alimentar entrelaçada.

Mais do que isso, Scott (2020), em seus estudos com comunidades veganas online, identifica que esse estilo alimentar é defendido pelos utilizadores como um agente transformador das suas realidades sociais, contribuindo não somente para o término da exploração animal, mas também abrangendo outros eixos das práticas alimentares, como a sustentabilidade, e, nesse contexto, sendo concebido pelos adeptos como uma opção de vida moralmente superior a outras. Sob essa ótica, Braun e Carruthers (2020) assinalam que os utilizadores de blogs veganos frequentemente descrevem as suas práticas de consumo e regimes alimentares por meio de metáforas de natureza religiosa e espiritual. As observações apresentadas sugerem que a alimentação, para além de constituir uma dimensão intrinsecamente entrelaçada com outros aspetos da vivência humana, tem sido utilizada, principalmente na era das tecnologias digitais, como uma ferramenta para marcação social e influência. Desse modo, o que tende a definir a demarcação são as estratégias de diferenciação apresentadas pelos usuários, como a qualidade visual e saudabilidade dos alimentos, os valores morais, religiosos, éticos e estéticos que determinada rotina traduz.

Uma ampla gama de figuras públicas, blogueiros e influenciadores têm encorajado e transformado os modos pelos quais a alimentação é frequentemente retratada nas redes sociais. Esses intervenientes empregam variadas estratégias para apresentar experiências alimentares à audiência das redes sociais e potenciais consumidores, influenciando de maneira expressiva as

escolhas alimentares e de consumo em geral. Com um poder convincente considerável na esfera online, esses “profissionais” são cada vez mais procurados por indivíduos que buscam informações acerca de alimentos mais exclusivos e exóticos, técnicas de preparação de carne mais requintadas, alimentação saudável, receitas, orientações sobre cultivo, atualizações relacionadas à alimentação, estilo de vida saudável, alternativas alimentares restritas, veganismo, entre outros. Eles se utilizam principalmente de competências culinárias, padrões de vida, princípios éticos e práticas pessoais de consumo alimentar como meios para conquistar novos seguidores que se inspiram nas suas abordagens.

No que tange às discussões políticas e ao futuro alimentar das sociedades, é imperativo ressaltar que temos observado, nos últimos anos, o aumento do contingente de grandes conglomerados do setor alimentício que estão direcionando uma parcela significativamente maior dos seus resultados e investimentos para a exploração das tecnologias digitais visando à comercialização em larga escala. Elas possuem maior poder aquisitivo, interesses puramente econômicos e quase nada voltados para o bem comum. Essas empresas têm investido em programas, campanhas e propagandas nas mídias sociais, sobretudo *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* e *Youtube*, utilizando celebridades, influencers e figuras públicas para a recomendação de alimentos que geralmente são insustentáveis e nocivos à saúde humana e não humana. Em contrapartida, destaca-se o aumento significativo de organizações, coletivos, ativistas independentes, movimentos sociais e diversas outras formas de mobilização centradas na busca por justiça alimentar e sustentabilidade na esfera digital (CROSS, 2020; MANN, 2020).

Essas iniciativas digitais buscam combater a ampliação de práticas e de rotinas alimentares focadas na lucratividade da produção e do consumo, buscando, assim, promover cotidianos alimentares que sejam mais democráticos, justos com os animais humanos e não humanos, e que estimulam a redução dos danos ambientais. Com isso, percebe-se que as possibilidades e compartilhamentos de dinâmicas relacionadas à alimentação e tecnologias digitais são diversos, sofisticados e permanecem em constante atualização. Assim, as mídias sociais podem ser entendidas como os ambientes de interação mútua que influenciam na formação identitária dos usuários, sendo ainda promissoras para a construção de significados e discursos entre as pessoas (CHERRY, 2006; 2014; LUPTON, 2020; SCOTT, 2020).

Analisar de um ponto de vista sociológico as rotinas alimentares sob a lente das culturas digitais em contexto de tecnologias globais apresenta-se como um exercício desafiador, porém premente e crucial, na atualidade caracterizada pela amplificação das formas de comunicação e interação social. As contribuições dessa abordagem são abrangentes e englobam distintas

áreas da pesquisa científica sobre alimentação, consubstanciando-se como um mecanismo de suma importância para a promoção da interdisciplinaridade entre os diversos campos que permeiam o universo alimentar. Em consonância com os estudos da sociologia digital (LUPTON, 2015; NASCIMENTO, 2016), a abordagem das culturas alimentares digitais busca compreender, também, as manifestações político-culturais que ocorrem na Internet como resultado da complexidade dos símbolos e significados fornecidos nesse tipo de interação (BAKER; WALSH, 2020; LUPTON, 2020; SCOTT, 2020).

Contudo, diante da vasta gama de situações, acontecimentos e experiências alimentares presentes on-line, torna-se evidente a imprecisão conceitual que permeia a noção de cultura alimentar digital. As questões fundamentais que emergem ao abordarmos essa temática tão contemporânea são as seguintes: o que de fato pode ser caracterizado como cultura alimentar digital nesse universo de possibilidades das tecnologias da informação e comunicação? Quais são as condições mínimas para que essa caracterização adequada aconteça?

Este dossiê é o primeiro no Brasil e América Latina, que tem por intuito abrigar uma variedade de temas e de discussões sobre cultura alimentar e suas interfaces com as tecnologias globais de informação e comunicação. Os desafios intrínsecos à organização de um trabalho cujo objeto de estudo é inovador e de recente surgimento no cenário global são de magnitude considerável, especialmente na seleção de artigos que demonstrem maturidade teórico-conceitual e metodológica no que tange à temática em questão. Acreditamos que a adoção da abordagem da cultura alimentar digital no âmbito do Sul Global tenderá a ser gradual, considerando a ausência de estudos de casos provenientes dessas regiões nas etapas iniciais da formulação conceitual.

Conforme já salientado, o conceito revela notáveis assimetrias entre o Norte Global e o Sul Global, ao privilegiar regiões com históricos de vantagens em detrimento de outras localidades caracterizadas igualmente por expressivas diversidades culturais. Regiões como África, América Latina e Caribe ostentam estudos culturais relevantes acerca de alimentação, consumo e práticas alimentares, representando potenciais fontes de dados a serem exploradas no médio e longo prazo para a análise das culturas alimentares digitais. Entretanto, é imprescindível enfatizar que a falta de visibilidade dessas realidades culturais, que poderiam constituir um valioso acréscimo às investigações sobre o cotidiano alimentar na Internet, não comprometeu o potencial da abordagem nos estudos relacionados à alimentação. Ao contrário, tal lacuna instigou ainda mais as agendas e os interesses na temática, impulsionando sua ampliação e desenvolvimento.

O livro intitulado “*Research Methods in Digital Food Studies*”, publicado em 2021 e organizado por Jonatan Leer e Stinne Gunder S. Krogager, foi a primeira obra mundial a abordar, de maneira específica, métodos e técnicas para a pesquisa sobre culturas alimentares digitais. Este texto encontra-se redigido em língua inglesa e, atualmente, carece de uma análise crítica de sua composição no contexto brasileiro, o que tem obstaculizado a disseminação do tema, o preenchimento de possíveis lacunas e a expansão de seu impacto. A obra desempenha uma significativa função teórico-metodológica para a exploração dos estudos concernentes à alimentação digital, revisitando abordagens estabelecidas que podem ser aplicadas a fenômenos sociais nas mídias, bem como apontando possíveis interseções entre métodos e técnicas voltados à investigação de ativismos alimentares digitais, entre outros aspectos. Não obstante, as fronteiras éticas que delineiam a realização de pesquisas em plataformas de mídias sociais continuam a ser uma questão relevante e uma agenda de estudos a ser considerada.

No tocante às políticas alimentares digitais, Mann (2020) aponta que a crescente conectividade entre os indivíduos, decorrente das novas formas de sociabilidade possibilitadas pelas tecnologias digitais, poderia oferecer o potencial de conferir visibilidade às vozes marginalizadas, compartilhar as vivências desses usuários com o mundo e permitir que esses discursos públicos se insiram nas agendas globais que se voltam às questões de justiça alimentar. Entretanto, esta perspectiva não tem sido completamente concretizada.

Se, por um lado, o trabalho científico com usuários em plataformas de mídias sociais esbarra nos princípios éticos da coleta de dados, no qual o acesso às imagens e discussões compartilhadas nas redes não evoca, necessariamente, o direito por parte dos pesquisadores de publicar sem levar em consideração a privacidade desses indivíduos. Por outro lado, a arquitetura e a infraestrutura de informação das mídias sociais apresentam vieses que têm sido fortemente criticados nas literaturas sobre algoritmos (NAKAMURA, 2010; LITTAL, 2018; MANN, 2020; ROSHANI, 2020; SILVA, 2020). Esses estudos indicam que o acesso às mídias não é equitativo para os grupos sociais mais marginalizados e economicamente desfavorecidos, em comparação com os estratos mais privilegiados da sociedade. Quando o acesso ocorre de maneira exitosa, frequentemente emergem hierarquias pautadas na distinção racial e na hipersexualização das mulheres negras. Assim, os conflitos alimentares contemporâneos também estão demarcados nas desigualdades digitais, que, por sua vez, são traduzidas, majoritariamente, a partir do racismo algorítmico e da diferenciação social por raça, classe e gênero (SANTOS, 2022).

As mídias sociais têm sido utilizadas como plataformas privilegiadas para movimentos sociais engajados no ativismo alimentar. Algumas análises apresentadas no livro intitulado “*Digital Food Cultures*” abordam de maneira sucinta as mudanças observadas nas formas de expressão online das práticas alimentares. Os ativistas recorrem à internet como um meio e uma estratégia para ampliar e disseminar suas causas em âmbito global, estabelecendo conexões com outras iniciativas alinhadas com suas agendas. Esse fenômeno, que tem se intensificado nos últimos anos, especialmente impulsionado pelo surgimento da pandemia de Covid-19 e as medidas de distanciamento social, tem levado à formação de redes globais de ativismo alimentar. Essas redes concentram-se, sobretudo, nas lutas por justiça alimentar e sustentabilidade ambiental, buscando provocar transformações sociais por meio de influências nas políticas públicas (MOTTA; MARTÍN, 2021; MOTTA, 2021; TEIXEIRA; MOTTA; GALINDO, 2021).

No atual contexto global de avanço tecnológico e de dinâmicas sociais digitalizadas, é preciso estimular, cada vez mais, estudos que busquem compreender melhor os impactos das tecnologias nas práticas alimentares cotidianas, revelando as conexões que esses impactos revelam em outras esferas da vida social. A alimentação tornou-se um campo profícuo para debates políticos, econômicos, sociais e culturais e, entre as inúmeras reflexões levantadas a partir dessas dimensões que são articuladas na realidade social, destacam aquelas iniciativas que buscam fomentar discussões mais amplas sobre o futuro alimentar das sociedades, o bem comum e o cuidado ambiental – o sistema alimentar global por assim dizer (ABRAMOVAY, 2021).

Ademais, outros temas emergem na agenda dos estudos contemporâneos sobre alimentação e merecem ser destacados como sugestões para pesquisas futuras. Tais temas englobam a aplicação do conceito de big data em investigações que lidam com volumes massivos de dados digitais, a análise da sustentabilidade em contextos alimentares digitais, a exploração dos mercados alimentares na esfera digital, o estudo dos sistemas agroalimentares, a investigação das culturas digitais e ciberculturais no âmbito alimentar, as dinâmicas de consumo, as dietas alimentares, a discussão acerca da sociedade de controle e vigilância, dentre outros. Esses tópicos congregam uma série de indagações que têm desempenhado um papel crucial na delimitação das perspectivas que moldarão o nosso futuro alimentar no contexto das tecnologias digitais.

Para além desta breve introdução, o Dossiê intitulado “Culturas Alimentares Digitais: Movimentos sociais e ativismos alimentar no ambiente on-line” apresenta uma entrevista

inédita com Deborah Lupton, uma das autoras que cunhou o conceito de cultura alimentar digital no livro “*Digital Food Cultures*”; a tradução do artigo “*Digital food culture, power and everyday life*”, assinado por Zeena Feldman e Michael K. Goodman; o artigo “Distinção, digitalização e legitimação: a incorporação das redes sociais no campo gastronômico brasileiro”, assinado por Camila Grumo; o artigo “*Kanhgág eg vëjën: a construção do espaço alimentar digital*”, de autoria do Gabriel Chaves Amorim; e o artigo “Veganismo não é dieta: disputas discursivas e práticas sobre relações entre diversos animais humanos e não humanos, mapeados em debates on-line”, assinado por Rodolfo de Moraes Santos Cerqueira.

A entrevista inédita com a Deborah Lupton, coordenada pelos pesquisadores Marília Lud David, Maycon Noremberg Schubert, Daniel Coelho de Oliveira e Arthur Saldanha dos Santos, apresenta importantes contribuições para o campo dos estudos da Sociologia digital e suas relações com as culturas alimentares, abarcando os estudos sociais das ciências e tecnologias. Ao longo da conversa, a autora explora o surgimento das tecnologias digitais, suas implicações na teoria social e os desafios que se manifestam na vida cotidiana das pessoas. Além disso, são ressaltadas as ramificações desse cenário de digitalização no âmbito das pesquisas científicas. A autora também reflete sobre as mudanças que têm permeado as dinâmicas, práticas e rotinas alimentares individuais no contexto atual de avanço tecnológico e intensificação do uso das mídias sociais.

A tradução do artigo “*Digital food culture, power and everyday life*” (tradução livre: ‘Cultura alimentar digital, poder e a vida cotidiana’), assinado por Zeena Feldman e Michael K. Goodman, oferece uma contribuição única que amplia o escopo das reflexões que são desenvolvidas de maneira científica acerca das culturas alimentares na literatura internacional, após a publicação do livro “*Digital Food Cultures*”. Trata-se de uma introdução à edição especial do *European Journal of Cultural Studies*, que visa traçar distinções, paralelos e sobreposições entre o âmbito da comida e o universo digital, buscando proporcionar uma abordagem crítica das capacidades, paradoxos e impactos da cultura alimentar digital na vida cotidiana.

O primeiro artigo nacional que compõe este dossiê intitula-se “Distinção, digitalização e legitimação: A incorporação das redes sociais no campo gastronômico brasileiro”, com a assinatura de Camila Grumo. O texto analisa as relações que ocorrem entre o processo de naturalização das redes sociais e a dinâmica de distinção social. Para isso, a autora investiga os perfis de oito restaurantes paulistanos e de guias gastronômicos nacionais e internacionais no *Facebook*, *Instagram* e *Tik Tok*, além de analisar matérias e entrevistas com chefs e

administradores desses restaurantes, disponíveis nas mídias. Os resultados indicam que a adoção das mídias sociais pelos restaurantes se tornou uma prática comum nos últimos anos, frequentemente incentivada pelos próprios chefes de cozinha. Essa transição para o ambiente digital no contexto dos restaurantes tem ganhado notável interesse no setor comercial, abrangendo também aqueles estabelecimentos que não contam com chefs proeminentes na promoção digital do estabelecimento.

Na sequência, com o artigo de Gabriel Chaves Amorim, intitulado “*Kanhgág eg vëjën: A construção do espaço alimentar digital*”, o campo alimentar é analisado sob a ótica cultural, tendo como mediação as tecnologias digitais. O estudo de caso é sobre uma comunidade online, cujo enfoque foi para os aspectos cultural e identitário das comidas típicas Kanhgág, sendo executado a partir da etnografia. O estudo aponta a utilização das mídias sociais como um recurso adequado na propagação da sociabilidade geracional, preservação de memória dos alimentos, compartilhamento de receitas, tradição e ativismo digital, gastronômico e indígena.

O artigo “Veganismo não é dieta: Disputas discursivas e práticas sobre relações entre diversos animais humanos e não humanos, mapeados em debates online”, assinado por Rodolfo de Moraes Santos Cerqueira, explora as controvérsias que cercam a concepção de veganismo, abrangendo significados e práticas presentes em fóruns de grupos na plataforma de rede social Facebook. Os resultados destacam a necessidade de interpretar as interações entre “humanos e animais humanos não humanos” a partir de abordagens que considerem as múltiplas desigualdades envolvidas na prática vegana, revelando particularidades também nos conflitos ocorrentes nessas comunidades e influenciando a configuração adotada em cada prática vegana.

Aproveitamos este breve espaço para expressar nossa sincera gratidão a Deborah Lupton por compartilhar reflexões tão inspiradoras, com o reconhecimento estendendo-se também a Marília Luz David e a Maycon NoreMBERG Schubert, pelo apoio na condução da entrevista. Somos gratos também a Zeena Feldman e a Michael K. Goodman, pela gentileza de compartilhar o excelente texto para a inédita tradução no contexto brasileiro. Parabenizamos ainda Camila Grumo, Gabriel Chaves Amorim e Rodolfo de Moraes Santos Cerqueira, pelos maravilhosos trabalhos submetidos a este dossiê. Finalmente, agradecemos à equipe da *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais* pelo comprometimento, cuidado, disponibilidade e atenção, sendo representados pelo Mateus Tobias Vieira e Matheus Garcia de Moura, com os quais tivemos contato nos últimos meses.

Desejamos uma ótima leitura!

Os organizadores,
Daniel Coelho de Oliveira
Arthur Saldanha dos Santos

AGRADECIMENTOS: Agradecemos ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Desafios para o sistema alimentar global. **Ciência e Cultura**, v. 73, p. 53-57, 2021.

AZEVEDO, E. de. Alimentação, Sociedade e Cultura: temas contemporâneos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 19, n. 44, p. 276-307, jan./abr. 2017.

BAKER, S.; WALSH, M. You are what you Instagram: clean eating and the symbolic representation of food. *In*: LUPTON, D.; FELDMAN, Z. **Digital Food Cultures**. New York: Editora Routledge, 2020.

BRAUN, V.; CARRUTHERS, S. Working at self and wellness: a critical analysis of vegan vlogs. *In*: LUPTON, D.; FELDMAN, Z. **Digital Food Cultures**. New York: Editora Routledge, 2020.

CHERRY, E. Veganism as a Cultural Movement: A Relational Approach. **Social Movement Studies**, v. 5, n. 2, p. 155-170, 2006.

CHERRY, E. I was a teenage vegan: motivation and maintenance of lifestyle movements. **Sociological Inquiry**, v. xx, n. x, p. 1–20, 2014.

CROSS, K. Visioning food and community through the lens of social media. *In*: LUPTON, D.; FELDMAN, Z. **Digital Food Cultures**. New York: Editora Routledge, 2020.

CONTRERAS, J.; GRACIA, M. **Alimentação, Sociedade e Cultura**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

DONNAR, G. ‘Food porn’ or intimate sociality: Committed celebrity and cultural performances of overeating in meokbang. **Celebrity Studies**, v. 8, n. 1, p. 122–127, 2017.

KENT, R. Self-tracking and digital food cultures: surveillance and self-representation of the moral, healthy body. *In*: LUPTON, D.; FELDMAN, Z. **Digital Food Cultures**. New York: Editora Routledge, 2020.

LAVIS, A. Consuming (through) the Other? Rethinking fat and eating in BBW videos on-line. **M/C Journal**, v. 18, n. 3, 2015.

LEER, J.; KROGAGER, S. G. S. (ed.). **Research methods in digital food studies**. New York: Editora Routledge, 2021.

LEWIS, T. Digital food: from paddock to platform. **Communication Research and Practice**, v. 4, n. 3, p. 212–228, 2018.

LITTAL R. White women being exposed for pretending to be black women on Instagram (Photos). **Blacksportsonline**, 10 nov. 2018.

LUPTON, D. **Digital Sociology**. New York: Editora Routledge, 2015.

LUPTON, D. ‘Download to delicious’: Promissory themes and sociotechnical imaginaries in coverage of 3D printed food in online news sources. **Futures**, v. 93, p. 44–53, 2017.

LUPTON, D. Cooking, eating, uploading: Digital food cultures. *In*: LEBESCO, K.; NACCARATO, P. (ed.). **The Handbook of Food and Popular Culture**. London: Bloomsbury, 2018. p. 66–79.

LUPTON, Deborah . Understanding digital food cultures. *In*: LUPTON, Deborah; FELDMAN, Zeena. **Digital Food Cultures**. New York: Editora Routledge, 2020.

LUPTON, D.; FELDMAN, Z. **Digital Food Cultures**. New York: Editora Routledge, 2020.

MANN, A. Are you local? Digital inclusion in participatory foodscapes. *In*: LUPTON, D.; FELDMAN, Z. **Digital Food Cultures**. New York: Editora Routledge, 2020.

MOTTA, R. Social movements as agents of change: Fighting intersectional food inequalities, building food as webs of life. **The Sociological Review**, v. 69, n. 3, p. 603–625, 2021.

MOTTA, R.; MARTÍN, E. Food and social change: culinary elites, contested technologies, food movements and embodied social change in food practices. **The Sociological Review**, v. 69, n. 3, p. 503-519, 2021.

NASCIMENTO, L. F. A Sociologia Digital: um desafio para o século XXI. Porto Alegre: **Sociologias**, ano 18, n. 41, p. 216-241, jan./abr. 2016.

NAKAMURA, L. Race and identity in digital media. *In*: CURRAN, J. (org.). **Mass Media and Society**. New York: Editora Bloomsbury Academic, 2010. p. 336-347.

PORTILHO, F. Ativismo alimentar e consumo político – duas gerações de ativismo alimentar no Brasil. **Redes (St. Cruz Sul, On-line)**, v. 25, n. 2, p. 411-432, maio/ago. 2020.

ROSHANI, N. Discurso de ódio e ativismo digital antirracismo de jovens afrodescendentes no Brasil e Colômbia. *In*: SILVA, T. (org.). **Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: Olhares afrodispóricos**. São Pulo: Editora LiteraRua, 2020. p. 47-66.

SANTOS, A. S. dos. **Ativismos digitais do Movimento Afro Vegano: uma análise das narrativas performáticas nas mídias sociais.** Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

SCOTT, E. Healthism and veganism: discursive constructions of food and health in an on-line vegan community. *In*: LUPTON, D.; FELDMAN, Z. **Digital Food Cultures.** New York, Routledge, 2020.

SILVA, T. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. *In*: SILVA, T. (org.). **Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: Olhares afrodispóricos.** São Paulo: Editora LiteraRua, 2020. p. 129-145.

TEIXEIRA, M. A.; MOTTA, R.; GALINDO, E. Desigualdades alimentares em tempos de pandemia. Opinião, **Nexo – Políticas Públicas**, 18 abr. 2021. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/opiniaio/2021/Desigualdades-alimentares-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 03 fev. 2023.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

